

Rural Semanal

Informativo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

ANO XXIV - nº 07 - 5 a 11 de junho de 2017



UFRRJ

Planejamento coletivo

Comunidade participa da elaboração do Plano de Desenvolvimento da UFRRJ **P.3**

Servidores em treinamento

Dast realiza segunda edição de curso sobre Competências de Gestão **P.6**



Escola plural

IM desenvolve ações no campo da educação especial na Baixada Fluminense

P.4 e 5

Desde a posse da atual Administração Central passaram-se dez semanas. Neste curto período, confirmamos o diagnóstico realizado ao longo dos meses anteriores, de que a conjuntura dos próximos anos seria extraordinariamente complexa. Iniciamos com um corte linear de 30%, determinado no orçamento de 2016, e com um contingenciamento de 1/18 dos repasses do financeiro, o que, na prática, acarretou em um novo corte de 25% no nosso financeiro. A cada remessa de recursos do Ministério da Educação, determinamos quais gastos e compromissos serão honrados, e quais ficarão para o próximo mês. Assim, fomos obrigados a definir as prioridades: segurança (aquisição de lâmpadas, câmaras de segurança e roçadeiras), pagamento de terceirizados e de contas de energia, gás e água, e bolsas de apoio estudantil.

Muitos contratos de prestação de serviços (obras e custeio) são semanalmente rediscutidos, até o momento com sucesso, à exceção de alguns serviços terceirizados.

Neste contexto, a Administração Central buscou recursos emergenciais em Brasília, diretamente com o ministro da Educação e diversos parlamentares em várias ocasiões. Também nos aproximamos da Prefeitura de Seropédica, com a qual estamos realizando diversas iniciativas como a creche, reforma na ciclovia, aumento da segurança com a guarda municipal no caminho para o Km 49 e entrada do Instituto de Veterinária, Instituto de Floresta e Instituto de Educação; bem como reparo emergencial de algumas de nossas vias de acesso. São ações que não envolvem recursos de nosso orçamento, mas articulações políticas.

Outras ações, que dependem não de recursos, mas de iniciativa, também estão em curso como a recuperação de restos a pagar que já geram impacto acadêmico, em especial em nosso esforço de internacionalização e em apoio a grupos de pesquisa e extensão com projetos institucionais. Ações vinculadas à reestruturação de outros setores, como o de transporte, também estão em curso.

Nesses breves meses, a parceria com os diretores e demais gestores, e com movimentos organizados, mostrou-se a principal via para superarmos com ideias e programas os desafios acima apontados.

Não nos intimidamos frente à conjuntura tão adversa, que tende a piorar até ao menos que haja o regate das eleições diretas em nosso país, único caminho para superarmos em curto prazo os entraves no campo da política e a imensa recessão que impacta a UFRRJ. ■

Opinião

Pelo estado de direito e soberania popular

O Conselho Pleno da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes), reunido na última quarta-feira, 31 de maio de 2017, elaborou nota pública sobre o gravíssimo momento que o Brasil atravessa em sua história, com o aprofundamento crescente de uma crise política e econômica que não apresenta sinais de superação no curto prazo. Os acontecimentos políticos recentes evidenciaram o alcance da crise ética que desgasta perigosamente a legitimidade das instituições dos diversos poderes da República.

Não obstante esse cenário de instabilidade, em respeito à sociedade, as universidades federais se empenham para o cumprimento de suas responsabilidades constitucionais de realizar, com excelência acadêmica reconhecida, o ensino superior, a pesquisa científica e tecnológica e a extensão universitária.

Para tanto, orientam-se por princípios e valores democráticos e republicanos e suas ações acadêmicas e administrativas estão referenciadas na ética pública. No entanto, encontram-se ameaçadas por gravosas restrições orçamentárias, que precisam ser superadas, sob pena de inviabilização de nossas missões.

Entendemos que a solução da crise atual não poderá prescindir da defesa do Estado de Direito Democrático, do respeito aos direitos sociais e da liberdade de expressão, inscritos na Constituição Federal e na observância de que a legitimidade das instituições políticas da República está assentada no princípio da soberania popular.

Este espaço é destinado prioritariamente a colaborações da comunidade universitária. O texto deve ter título e nome completo do autor, com tamanho entre 25 e 30 linhas, fonte Arial 12 e espaçamento 1,5. As opiniões expressas são de responsabilidade exclusiva de seus autores. O material deve ser enviado para o e-mail comunicacao@ufrj.br. Também serão publicadas, esporadicamente, reproduções e adaptações de artigos de outras fontes.

Calendário Acadêmico

Junho

13 (terça-feira) – Feriado municipal em Nova Iguaçu (Dia do Padroeiro).

15 (quinta-feira) – Feriado Nacional (Corpus Christi).

22 (quinta-feira) – Dia para realização atividades coletivas e interdisciplinares (cursos, departamentos, institutos, câmpus).

23 (sexta-feira) – Prazo final para trancamento de matrícula no curso de graduação no primeiro período letivo de 2017.

Julho

17 a 21 – Provas optativas.

18 a 25 – Prazo para lançamento das notas finais no Sistema Acadêmico.

22 (sábado) – Término do primeiro período letivo de 2017.

25 (terça-feira) – Prazo final para divulgação das notas finais pelos departamentos.

26 (quarta-feira) – Início do recesso escolar.

Propladi/UFRRJ



Diálogo. Apresentação do Grupo Técnico da Propladi no câmpus Nova Iguaçu

“

Estamos fazendo algo, de fato, participativo. Fomos aos Conselhos de Unidades (Consunis), aos institutos e aos outros câmpus, além de abrir para a participação dos alunos.

Roberto Rodrigues, pró-reitor de Planejamento, Avaliação e Desenvolvimento Institucional

Planejamento participativo

UFRRJ recebe contribuição da comunidade acadêmica na elaboração de seu Plano de Desenvolvimento Institucional

João Henrique Oliveira

Um documento que identifica a instituição e traz sua missão, seus objetivos, metas e ações a serem realizadas num período de cinco anos. Esta é a descrição mais breve de um Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), o qual toda universidade federal tem a obrigação de produzir desde 2006, obedecendo ao Decreto nº 5.773, do Ministério da Educação (MEC). O não cumprimento dessa exigência pode comprometer, inclusive, o repasse de recursos às instituições de ensino superior.

Com o PDI atual prestes a se encerrar (ele abrange o período 2013-2017), a UFRRJ já se movimenta para preparar o novo, que vai planejar os próximos passos da instituição entre 2018 e 2022. As bases para sua construção foram lançadas em 31 de maio do ano passado, com a Deliberação nº18 do Conselho Universitário (Consu). O texto estabelece que o PDI para os próximos cinco anos será elaborado pelo Grupo de Trabalho (GT) designado pela Portaria nº 999/GR, de 18 de dezembro de 2015. O GT é presidido pelo pró-reitor de Planejamento, Avaliação e Desenvolvimento Institucional, professor Roberto Rodrigues, e conta com a participação de membros do Consu, representando os três segmentos (professores, técnicos

e estudantes).

Em junho de 2016, o GT criou o Grupo Técnico de Apoio para dar suporte à elaboração do PDI. Essa equipe criou uma metodologia de trabalho com foco no planejamento estratégico. Optou-se por utilizar a matriz SWOT, abreviatura que reúne as palavras inglesas *strengths*, *weaknesses*, *opportunities* e *threats*. Ou seja: é uma análise que procura identificar forças, fraquezas, oportunidades e ameaças relacionadas à UFRRJ nos ambientes interno e externo nos quais está inserida. “A matriz SWOT é a mais utilizada por outras instituições de ensino superior. É uma metodologia menos robusta, mas de fácil aplicação”, explicou a coordenadora da Coordenadoria de Desenvolvimento Institucional (Codin/Propladi), Rejane da Silva Santos, uma das integrantes do Grupo Técnico de Apoio.

Na metodologia proposta, a equipe faz previamente a análise SWOT das unidades. Em seguida, os dados são enviados com antecedência para a apreciação dos membros dos Consunis ou de outros setores. Estes avaliam o material, podendo incluir novos pontos, que são discutidos nas apresentações do Grupo Técnico. “Às vezes encontramos um cenário pouco otimista. Mas depois que as pessoas participam – vendo as oportunidades e a força da Universidade – recebemos mui-

tos elogios por conta de nosso trabalho. Saímos com a sensação de que as pessoas tiveram o ânimo renovado para os próximos anos”, avaliou o auxiliar em Administração da Propladi Victor Soares dos Santos, também integrante do Grupo Técnico.

Participação da comunidade

Segundo Roberto Rodrigues, a elaboração do novo PDI traz dois aspectos inovadores. Primeiro, a utilização de um método focado no planejamento estratégico. Depois, a intenção de construir o documento de modo descentralizado, abrindo para a participação de toda a comunidade universitária. “Estamos fazendo algo, de fato, participativo. Fomos aos Conselhos de Unidades (Consunis), aos institutos e aos outros câmpus, além de abrir para a participação dos alunos”, disse o pró-reitor.

A disposição em acolher contribuições da comunidade pode ser exemplificada pela participação do técnico-administrativo Klinger Pereira, secretário do curso de Jornalismo da UFRRJ. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Gestão e Estratégia (MPGE/UFRRJ), ele está pesquisando a dinâmica comunicacional dentro da instituição. “Percebi algumas dificuldades de comunicação na Universidade. Assim, fui procurar no PDI (2013-2017) como a Rural se

relacionava com seus públicos estratégicos. Notei que não havia nenhuma política que orientasse esse relacionamento”, disse Pereira.

Por intermédio de uma professora do MPGE, Klinger foi convidado a acompanhar algumas reuniões do Grupo Técnico. Com base em suas reflexões sobre o PDI, além do diálogo com a Coordenadoria de Comunicação Social (CCS/UFRRJ), o técnico pretende sugerir um modelo de comunicação para a UFRRJ. “A questão da comunicação é uma das coisas que tem sido apontada como fraqueza da instituição, principalmente nos câmpus fora da sede”, comentou Rejane da Silva Santos.

Até o fechamento desta edição, o Grupo Técnico da Pró-Reitoria de Planejamento, Avaliação e Desenvolvimento Institucional esteve em todos os câmpus e institutos, apresentando relatórios e colhendo sugestões. Esta fase se encerra com a visita a todas as pró-reitorias e ao Diretório Central de Estudantes (DCE). Depois, a equipe vai organizar os dados e elaborar o PDI com metas específicas. No segundo semestre, a comunidade acadêmica será mais uma vez ouvida numa rodada de audiências públicas.

Para mais informações sobre a construção do PDI 2018-2022, acesse <http://institucional.ufrrj.br/pdi/>



Izadora Souza



As ações do Observatório são utilizadas como estratégia de intervenção social da Universidade junto aos sistemas de educação da Baixada Fluminense.

Márcia Pletsch, coordenadora do ObEE/UFRRJ



Extensão. Educadoras lotam o auditório do IM em dia de curso. No detalhe, a professora Márcia Pletsch

Em busca da **inclusão escolar**

IM/UFRRJ desponta como referência no campo de estudos da educação especial

Michelle Carneiro

Na tarde de uma terça-feira, profissionais da Educação Especial de oito municípios da Baixada Fluminense mudaram suas rotinas para um encontro muito aguardado. Duas vezes por mês, educadores de Belford Roxo, Duque de Caxias, Nova Iguaçu, Nilópolis, Mesquita, Japeri, Queimados e São João de Meriti se reúnem no Instituto Multidisciplinar (IM) para o curso de extensão ‘Ensino e Aprendizagem para Estudantes com Deficiência: Estratégias Curriculares e Recursos Tecnológicos.’

Auditório lotado para mais um dia como “professores-pesquisadores” que passaram a enxergar em sua prática uma oportunidade de pesquisa aplicada aos afazeres pedagógicos das escolas. A dobradinha comum em nossas universidades estava muito distante da realidade destes profissionais da rede pública de ensino básico da região, mas se tornou possível graças ao Observatório de Educação Especial e Inclusão Escolar (ObEE/UFRRJ).

Além de promover o curso de extensão, o Observatório desenvolve pesquisas para inclusão de pessoas com deficiência intelectual e múltipla e, também, para a implementação e avaliação de um protocolo inédito de livro didático digital acessível. Sua atua-

ção contribuiu diretamente para a formação do Fórum Permanente de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva da Baixada Fluminense (FPEEBF).

O grupo de pesquisa do ObEE é coordenado pela professora Márcia Pletsch, que conduz com maestria a equipe composta por 50 pessoas, entre pesquisadores e bolsistas. “Tivemos melhorias significativas na Educação Especial nos municípios da Baixada Fluminense e o trabalho desenvolvido pelo ObEE incidiu positivamente para esse progresso”, afirma Pletsch.

Associar pesquisa, extensão e formação continuada de professores é um dos trunfos do Observatório. As iniciativas existentes na região antes da criação do projeto foram analisadas pela

pesquisadora do ObEE Daniele Francisco de Araújo, que constatou o pioneirismo do curso promovido pela Rural em contraste com as ações pontuais anteriormente disponíveis na Baixada.

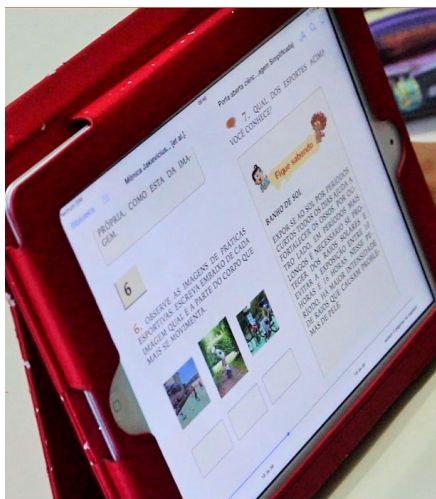
Os recursos que viabilizam a execução dos projetos foram obtidos por meio de uma emenda parlamentar proposta pelo senador Lindbergh Farias (PT) e do Edital 4/2016 – Programa Apoio a Grupos Emergentes de Pesquisa no Estado do Rio de Janeiro, da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj).

Formação continuada

A satisfação dos participantes do curso de extensão é facilmente percebida. Não é para menos. Região historicamente marcada pela violência e exclusão social, a Baixada Fluminense encontrou na Universidade um refúgio para refletir, dialogar e desenvolver ações para efetiva inclusão de estudantes com deficiência visual, autismo, surdez e deficiência intelectual. *(Confira na página 5 relatos dos cursistas).*

A formação oferecida pela Rural conta com 200 participantes, entre professores e gestores da rede pública de ensino, além de graduandos em Pedagogia do IM e de outras universidades da Baixada. O curso fomenta quatro pesquisas de mestrado e quatro de doutorado vinculadas ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEDuc/UFRRJ) e dez monografias de graduação a partir de orientações de iniciação científica.

Com carga horária de 120 horas e oficinas práticas, o curso de extensão exige um trabalho final que envolva diretamente a escola na qual o profissional está inserido, além de capacitá-los para a aplicação em sala de aula do protótipo do livro acessível. “Essas ações integradas são utilizadas como estratégia de intervenção social da Universidade junto aos sistemas de educação da Baixada Fluminense”, explica a professora Márcia Pletsch.



Inovação. Protótipo do livro digital aplicado em sala de aula.



O livro acessível

Adaptar os livros didáticos tradicionais, tornando-os acessíveis para os estudantes com diferentes deficiências – cegos, surdos, deficiência intelectual e autismo – é o principal objetivo do projeto do livro didático digital na perspectiva da metodologia do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA). Áudio-descrição, tamanho adequado da fonte e presença de *hyperlinks* são exemplos das intervenções propostas.

“O desenvolvimento do protocolo do livro didático digital é resultado da iniciativa internacional *Inclusive, equitable, quality education for all*, liderada pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) em 2014 e promovida no Brasil pelo Movimento Down. Especialistas de

diversos países da América Latina e Caribe se reuniram para a elaboração de diretrizes para a produção destes livros”, explica a professora Márcia Pletsch.

No Brasil, o projeto é desenvolvido pelos pesquisadores do ObEE. O piloto do livro acessível será aplicado já no segundo semestre de 2017, em escolas públicas da Baixada Fluminense que foram selecionadas entre os locais de trabalho dos participantes do curso de extensão. Uma equipe com cinco pesquisadores, da Rural e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj), atuará junto aos cursistas para utilizar o livro digital acessível nas salas de aulas e, em um segundo momento, nas salas de recursos.

O objetivo é avaliar e validar a utilização do livro na escola-

rização de alunos da Educação Especial que estão incluídos em diferentes realidades educacionais. Posteriormente, o Observatório irá submeter o piloto do livro a audiências públicas com adultos portadores de deficiência e, então, elaborar um protocolo que oriente a elaboração de livros didáticos digitais acessíveis. A Universidade Rural pretende solicitar o registro de patente do protótipo desenvolvido.

“O projeto é relevante política e socialmente pelo seu pioneirismo, já que foca o papel do livro didático digital acessível como um instrumento significativo para o aperfeiçoamento e a ampliação de políticas educacionais inclusivas, materializando inovações pedagógicas em ferramentas tecnológicas”, afirma a professora Márcia Pletsch.

São instituições parceiras do ObEE/UFRRJ a Uerj, o Instituto Rodrigo Mendes, o Movimento Down e o Unicef Brasil. Para mais informações sobre o projeto, acesse o site <http://r1.ufrj.br/im/oeies/>

Saiba mais sobre o DUA

A concepção do Desenho Universal para a Aprendizagem proporciona múltiplos meios para o envolvimento, representação, ação e expressão dos estudantes, além de favorecer a flexibilização do currículo e garantir a aprendizagem de todos. A adoção dessa metodologia representa um grande avanço no processo de escolarização de pessoas com deficiências já que, diferente de épocas anteriores, não diferencia o currículo que é proposto a estes alunos. ■

Relatos de cursistas



Andresa Lins, coordenadora do Setor de Orientação Educacional da Secretaria Municipal de Educação de Japeri.

“Nossa participação no curso viabiliza ações para efetiva inclusão dos alunos com necessidades educativas especiais. A possibilidade de se relacionar com profissionais de outros municípios também é fundamental, e ter acesso a pesquisadores e estudiosos do tema é motivador.”



Daniele Laino, professora da Escola Municipal José Brigagão Ferreira Carlos Sampaio, em Nova Iguaçu.

“Encontrar esse espaço na Rural foi muito importante diante dos desafios que enfrentamos para a escolarização dos alunos portadores de deficiência. A Universidade está impactando nossas salas de aula.”



Mirna Cristina, psicopedagoga do Centro Integrado de Educação Pública (Ciép) Estela de Queiroz, em Nilópolis.

“A Universidade Rural está desenvolvendo um trabalho brilhante. É o local de encontrar os colegas que atuam com Educação Especial na Baixada Fluminense, de compartilhar experiências, de refletir sobre nossas práticas e enriquecer nossa atuação nas escolas.”



Ilzani Santos, diretora de Educação Especial do município de Mesquita.

“A participação no curso marca minha trajetória profissional. Eu olho para os professores de nossa rede e vejo uma importância magnífica do ObEE/UFRRJ. É um marco ver que a Universidade não está distante das escolas e comunidades que a rodeiam.”

Márcio da Silva



“

Os cargos e funções requerem conhecimentos, habilidades e atitudes que exigem administração inteligente para que resultados organizacionais possam ser alcançados com eficácia.

Elen de Leo, psicóloga da Dast/UFRRJ

Lideranças competentes

Dast realiza segundo curso para gestores na Universidade

Alessandra de Carvalho

“ Há muitos relatos de trabalhadores que demonstram sofrimento no trabalho, uma situação que pode ser minimizada por lideranças. Mas também há vários gestores que sofrem no trabalho, devido a algumas lacunas de competências de gestão, que nem sempre eles percebem”.

A avaliação é da psicóloga Elen de Leo, da Divisão de Atenção à Saúde do Trabalhador (Dast/UFRRJ), uma das integrantes da equipe responsável pelo ‘Treinamento de Competências de Gestão’, que desenvolve atividades da segunda turma do projeto.

A proposta do treinamento partiu das demandas atendidas na Dast, por meio de perícias e vigilância à saúde realizadas pelos profissionais do setor. Em julho de 2016, o curso foi ofertado pela primeira vez. A grande procura de servidores animou o grupo para organizar a segunda edição, iniciada no fim do mês de março deste ano e que se estende até o fim do primeiro semestre.

O treinamento é realizado em duas etapas. São 20 horas de aulas presenciais com a equipe da Dast, mais quatro encontros individuais com as psicólogas.

Nas sessões de atendimento personalizado, os alunos do curso são orientados com aplicação de técnicas de *coaching*, mas a participação desta etapa não é obrigatória.

As aulas teóricas abrangem conteúdos e temáticas como saúde do trabalhador e centralidade do trabalho na vida, assédio moral, liderança, *coaching*, gestão de competências, emoções positivas no trabalho, inteligência emocional, habilidades sociais, dentre outros. São discussões e atividades organizadas em três módulos, orientados por duas psicólogas, duas assistentes sociais, uma médica e uma fisioterapeuta.

Elen de Leo destaca que o objetivo do conjunto de atividades é oferecer uma introdução às competências de gestão com uma identidade de promoção de saúde. “Os cargos e funções requerem conhecimentos, habilidades e atitudes que exigem administração inteligente para que resultados organizacionais possam ser alcançados com eficácia, e é preciso ter forte preocupação com a saúde no trabalho”, afirma a psicóloga e instrutora no curso.

Olhar para o outro

Os encontros individuais com orientação ligada a objetivos definidos no curso são vistos pelos

participantes como uma experiência essencial no treinamento. A professora Maria do Rosário Roxo, diretora do Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS), participou da primeira turma, realizada no ano passado, e aponta os ganhos que teve com os encontros. “O curso me ajudou muito a entender algumas relações no trabalho e ampliar a minha visão sobre como lidar com as competências das pessoas que trabalham comigo. A parte do *coaching* é especial porque é o momento em que discutimos e recebemos conselhos direcionados às nossas questões no trabalho e observações feitas no curso”.

Há ainda um destaque para a compreensão do outro, conforme opinião da professora Sandra Garcia, coordenadora do curso de Jornalismo, participante da segunda turma do treinamento. “O que mais destaco no curso é o foco no olhar para o outro a fim de tornar o ambiente de trabalho mais sadio, entender a sistemática dos relacionamentos e como aprimorar isso sem sobrecarregar ninguém. A segunda parte, o *coaching*, está me ajudando muito, pois, com a orientação da psicóloga, estamos dando atenção aos pontos mais direcionados ao cargo em que atuo no momento. No entanto, o que aprendemos

Interesse. A grande procura de servidores levou à organização da segunda edição do ‘Treinamento de Competências de Gestão’

no curso serve tanto para gestão na universidade quanto para a vida”.

O treinamento é organizado como um projeto de extensão, aprovado em 2016, com parcerias da Coordenação de Desenvolvimento de Pessoas (Codep), cursos de Psicologia e Serviço Social, Sindicato dos Trabalhadores em Educação da UFRRJ (Sintur-RJ) e Associação dos Docentes da Rural (Adur).

O projeto da oferta de treinamento de gestores encontra suporte no Decreto nº 5.707, de 23 de fevereiro de 2006, que “institui a Política e as Diretrizes para o Desenvolvimento de Pessoal da administração pública federal direta, autárquica e fundacional, e regulamenta dispositivos da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990”, que orienta, dentre outros aspectos, a necessidade de “adequação das competências requeridas dos servidores aos objetivos das instituições”.

A Dast já considera o ‘Treinamento de Competências de Gestão’ um programa de promoção de saúde do trabalhador, tendo sido incorporado a suas ações. As inscrições para o curso serão mantidas de modo contínuo pelo site da Codep (www.ufrrj.br/codep) para formação de nova turma. ■

Thaís Chaves



Palestrantes. À esquerda, os professores da UFRRJ Rachel Gouveia e Rafael Maul; à direita, a estudante Juliana Agostinho

Estamos em reforma... psiquiátrica

Curso de Serviço Social promove debate sobre mês da luta antimanicomial

Thaís Chaves

O Dia da Luta Antimanicomial é comemorado em 18 de maio há 30 anos. Desde então, o número de manicômios tem diminuído e de os centros psicossociais, aumentado. Contudo, a luta por uma sociedade sem manicômios ainda está em curso.

A reforma psiquiátrica brasileira passa por um processo de transformação e pretende modificar o sistema de tratamento da saúde mental, eliminando a internação compulsória. Esse modelo seria substituído por uma rede de serviços que inclui os Centros de Atenção Psicossocial (Caps), espaços de convivência e cultura, com oficinas de geração de renda e residências terapêuticas, entre outras atividades.

De acordo com dados de 2008 da Associação Brasileira de Psiquiatria, 23 milhões dos brasileiros possuem algum tipo de transtorno mental; e pelo menos cinco milhões sofrem com casos graves e persistentes, como esquizofrenia e transtorno bipolar. Apesar da política de saúde mental priorizar problemas mais gra-

ves, as doenças mais comuns nos atendimentos são a depressão, a ansiedade e o transtorno de ajustamento. Em todo o mundo, mais de 400 milhões de pessoas são afetadas por distúrbios mentais ou comportamentais.

Segundo o Ministério da Saúde, o número de cobertura dos Caps deve ser de uma unidade para cada grupo de 100 mil habitantes. O antigo modelo de manicômios do Brasil seria substituído pela rede de serviços de atenção psicossociais. A proposta da reforma psiquiátrica é a desativação dos manicômios, para que aqueles que sofrem de transtornos mentais possam viver livremente na sociedade.

O curso de Serviço Social da UFRRJ promoveu, em 25 de maio, uma discussão sobre o

tema ‘Projetos societários, reforma psiquiátrica brasileira e luta antimanicomial’. Os palestrantes foram Rafael Maul, historiador e professor da Licenciatura em Ciências Agrícolas (UFRRJ); Rachel Gouveia, professora adjunta de Serviço Social (UFRRJ) e militante do Movimento Nacional de Luta antimanicomial (MNLA); e Juliana Agostinho, aluna de Serviço Social da Universidade Federal Fluminense (UFF).

O professor Rafael Maul ressaltou as recentes repressões e violências por parte do Estado e destacou a luta antimanicomial no conjunto de grupos e movimentos que estão mobilizados para a construção de um Estado democrático e de direito. Também traçou uma linha do tempo pontuando os complexos elementos da construção da democracia no Brasil.

Há 12 anos participando do MNLA, a professora Rachel

“

A luta antimanicomial é a bandeira dos movimentos militantes que buscam construir um novo campo que não tem mais a psiquiatria como saber central.

Rachel Gouveia, professora de Serviço Social (UFRRJ)

Gouveia discutiu movimentos históricos que são refletidos ainda hoje, como as questões entre políticas públicas e saúde mental. “Precisamos saber que as políticas de saúde mental são políticas públicas que foram instituídas nos anos 90, e a luta antimanicomial é a bandeira dos movimentos militantes que buscam construir um novo campo que não tem mais a psiquiatria como saber central”, explicou a professora.

Por fim, Juliana Agostinho contribuiu com suas experiências de estágio e trabalhos na área de Saúde Mental. A estudante é favorável ao movimento que luta pelo fim dos manicômios. Para ela, ser assistente social não significa, apenas, ser militante, mas é preciso aprender cada vez mais para assim poder intervir nos espaços em que são colocados como profissionais. ■

Nova diretoria do CTUR toma posse

CCS/UFRRJ



O reitor da UFRRJ, professor Ricardo Berbara, empossou o novo diretor do Colégio Técnico da Universidade Rural (CTUR), professor Luiz Carlos Estrella, e a nova vice-diretora, professora Elaine Cristina Barbosa da Silva de Albuquerque, para o período de gestão 2017-2020. A cerimônia de posse foi realizada no dia 17 de maio no Salão Azul da UFRRJ.

Laboratório da UFRRJ mantém conceito máximo de qualidade

O Laboratório de Análise de Solos da UFRRJ em Campos dos Goytacazes manteve conceito A no Programa de Análise de Qualidade de Laboratórios de Fertilidade (PAQLF) da Embrapa. O principal objetivo do programa é a verificação da qualidade das determinações analíticas de instituições públicas e privadas. Neste ano, mais de 120 laboratórios participaram da avaliação.

O laboratório integra o Centro de Análises (CA) do câmpus da Rural em Campos. Seu responsável é o engenheiro agrônomo Willian Pereira, que comemorou a avaliação positiva. “O resultado evidencia o alto nível analítico e a confiabilidade dos resultados. A manutenção desse conceito ao longo dos anos se deve à dedicação diária e experiência da equipe”, disse.

Nova direção do IM toma posse

A nova diretoria do Instituto Multidisciplinar (IM) tomou posse no dia 31 de maio, em cerimônia realizada no Gabinete da Reitoria da UFRRJ. O reitor Ricardo Berbara empossou os professores Paulo Cosme de Oliveira e Marcos de Azevedo Benac nos cargos de diretor e vice-diretor, respectivamente, para a gestão 2017-2020. O novo diretor anunciou sua disposição em “construir pontes”. Ele também garantiu que estará sempre aberto ao diálogo com a comunidade acadêmica em busca das soluções para os problemas e dificuldades do dia a dia.

Setor de Tecnologia do ITR cria sistema de consultas ao DOU

O Setor de Tecnologia da Informação e Comunicação do Instituto Três Rios (Setic/ITR) criou um sistema que permite consultas automáticas ao Diário Oficial da União (DOU). Através dele, qualquer usuário do *webmail* da UFRRJ pode cadastrar os termos que deseja pesquisar no DOU, com a opção de receber alertas via e-mail eletrônico. Para conhecer a ferramenta, basta acessar a Área do Servidor: <https://servicos.ufrrj.br/sistemas/servidor>

Projeto de extensão fortalece agricultura familiar

Divulgação



A Rural sediou, em maio, dois eventos ligados ao projeto de extensão ‘Fortalecimento da agricultura familiar na UFRRJ: construção de mercados e assistência técnica para o desenvolvimento local sustentável’.

No Campo Experimental do Departamento de Fitotecnia (Instituto de Agronomia), foi realizado o curso ‘Cultura da Banana: Renda Semanal para o Produtor Familiar’, ministrado pelo Luiz Martelleto. Compareceram produtores de Seropédica, Paracambi e Itaguaí (foto).

Outra atividade foi a ‘Oficina sobre Alimentação Viva na Feira’, conduzida por Edilene dos Santos Portilho, produtora orgânica de Seropédica. Estiveram presentes estudantes, técnicos-administrativos e moradores de Seropédica e Itaguaí.

A UFRRJ desenvolve o projeto em parceria com a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater-Rio), com apoio da Associação de Agricultores Biológicos do Estado do Rio de Janeiro (Abio), Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa Agrobiologia), Empresa de Pesquisa Agropecuária do Estado do Rio de Janeiro (Pesagro-Rio) e Instituto de Terras e Cartografia do Estado do Rio de Janeiro (Iterj).

Rural Semanal

Reitor: Ricardo Luiz Louro Berbara | **Vice-Reitor:** Luiz Carlos de Oliveira Lima | **Pró-Reitora de Assuntos Administrativos:** Amparo Villa Cupolillo | **Pró-Reitora de Assuntos Financeiros:** Norma Sueli Martins | **Pró-Reitor de Assuntos Estudantis:** Cesar Augusto Da Ros | **Pró-Reitor de Graduação:** Joecildo Francisco Rocha | **Pró-Reitor de Extensão:** Roberto Carlos Costa Lelis | **Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-graduação:** Alexandre Fortes | **Pró-Reitor de Planejamento, Avaliação e Desenvolvimento Institucional:** Roberto de Souza Rodrigues || **COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL | Coordenadora de Comunicação Social:** Fernanda Barbosa | **Coordenadora substituta de Comunicação Social:** Alessandra de Carvalho | **Jornalistas:** João Henrique Oliveira, Michelle Carneiro e Ricardo Portugal | **Estagiários:** Beatriz Rodrigues e Thaís Chaves | **Capa:** Patrícia Perez | **Projeto Gráfico:** Patrícia Perez | **Diagramação:** Alexandre de Souza Souto e Patrícia Perez | **Imagens:** Freepick e Freemages || **Redação:** BR 465, Km 47. UFRRJ, Pavilhão Central, sala 131. Seropédica, RJ. | CEP: 23897-000 | Tel: (21) 2682-2915 | E-mail: comunicacao@ufrrj.br | Portal: www.ufrrj.br

